



O COSMOPOLITA

Orgão dos Empregados em Hotéis, Restaurants, Cafés, Bars e classes congeneres

ANO II — N. 22

Rio de Janeiro, 1 de dezembro de 1917

REDAÇÃO
Rua do Senado 215-217
Telefone Central 1499

A circular patronal

Por intermédio de um patrão — um desses burguezes que, militando embora em campo economico contrario ao nosso, não comungam com os preconceitos ferozmente reacionarios dos seus pares — chegou ás nossas mãos um papelucho que, á guiza de circular, o Centro União dos Proprietarios de Hotéis e Classes Anexas, a pitoresca agremiação patronal, está a distribuir pelos estabelecimentos pertencentes ao seu ramo de negocio, no qual esse Centro procura baldamente esmagar-nos sob o pezo de acuzações que, ao contrario do que vizam os seus autores, apenas conseguem provocar francas e depoziladoras gargalhadas, tais a imbecilidade e a parvoice que as enjendraram, e se não nos enche de pasmo é pela simples e intuitiva razão de já nos termos de ha muito habituado ás manifestações da intelligencia granitica desses energúmenos, obstinados em fazer perdurar pelos tempos a fóra um estado de coisas abominavel e incompativel com a dignidade humana nestes dias que vão correndo, em que um sopro vivificante de formozas aspirações de bem estar e justiça percorre as fibras de todo os espoliados, fazendo-as estalar em convulsivos arrancos de rebeldia.

Acuados ao ultimo reduto a que se acolheram para oferecerem resistencia ás nossas pretensões, pela campanha enérgica do Centro Cosmopolita que, adstrito ao seu programa de defesa dos interesses morais e materiais da classe, não descansa nem descansará enquanto não ver triunfantes e reconhecidos os principios que galhardamente sustenta, os nossos inimigos, os exploradores do trabalho alheio, pretendem, em desespero de cauza, ferir-nos de morte, empregando para isso os mais ignobeis espedientes, afiando as armas com as quais começam já a vibrar os primeiros golpes, mas com uma inabilidade tal que apenas consegue lança-los em colossal ridiculo.

Mas resumamos em poucas palavras as perfidias de que está eivada a circular patronal, a que vimos fazendo menção; espongiamos a titulo informativo as pretensões reacionarias dos nossos opressores. Depois de pintarem com as cores mais rubras e trajicas a ação "subversiva" do Centro Cosmopolita a conduta "perniciosa" do seus referem-se, num enternecedor zurro de alimárias maltiadas, aos ataques que lhe tem sido dirigidos através das nossas publicações, terminando por fazer um apelo aos colegas para que dispensem dos seus estabelecimentos os empregados que, associados ao Centro Cosmopolita, procuram defender muito legitimamente os seus interesses.

E', como se vê, a guerra santa pregada pelos nossos exploradores, sentindo que a despeito de tudo já lhes vai faltando sob os pés o terreno sobre que repoiza as suas explorações, e em breve soará a hora das resparações, longo tempo procrastinada, a hora em que, afinal, a sua tirania

O grito que nos vem da Russia



Paz entre nós, guerra aos senhores!

será socudida pelos empuchões da revolta das sua vitimas.

Não nos deteremos muito nos comentarios á circular em que o C. U. P. extravaza toda sua raiva concentrada contra a nossa associação de classe que, no desempenho da sua missão de representante genuina e ativa da coletividade, constitui para os seus exploradores uma barreira intransponivel, um necessario controle ao seu egoismo desmezurado e dezumano, suscitando as energias combativas daqueles que padecem toda a sorte de sofrimentos.

Afinal o centro patronal está no papel de representante de uma classe que vive da exploração do trabalho alheio, e procurando eternizar essa exploração uza lojicamente das armas que julga mais eficazes.

Cumprimos apenas o nosso dever, chamando a atenção dos companheiros para a atitude sintomatica que os patrões acabam de assumir, e perguntando-lhes se diante dela é-lhes licito permanecer alheios á defezados seus interesses, ou se, pelo contrario, devemos estreitar filas, a trabalhar pela cauza pela qual se bate o C. C. Aproxima-se o momento decisivo em que se dará o choque destas duas forças de interesses contrarios: nós, os que fartos de tanto vilepndio, ultrajados na nossa dignidade e escorchados por toda sorte de explorações — pretendemos um punhado de melhorias — e os patrões — esse bando de sinistros abutres — que se encarnicam em fazer perdurar a atual situação.

As duas forças estão dispostas em linha de batalha: que cada um dos nossos saiba ocupar no momento preciso o posto que lhe corresponde, numa justa compreensão dos seus direitos, pronto a defender com altivez a sua dignidade e os seus interesses.

Aliar-se com os seus pares na exploração capitalista, unir-se com aqueles que, como nós, estão sujeitos á mesma opressão: eis o dever imprescindivel de todos os companheiros que aspiram condições de vida mais desafogadas e humanas, de todos os que se não resignam a suportar o jugo do patrão opressor e espoliador.

O Centro Cosmopolita, para defender com vantajem os interesses da classe, necessita do concurso de todos.

Lénine

O teu nome corre pelo mundo, coberto de oprobrio e de ignominia. Dizem-te vendido ao ouro teutonico, agente do kaiser, e os gazeteiros mercenarios de todos os matizes, pintam-te com as mais fuscas cores.

E's a cauza prima da dissolução da Russia, do estado caótico em que se acha aquele paiz, da barrafunda ezistente no povo moscovita — assim eles se expressam.

Mas nós que te conhecemos; nós que sabemos que possues, no livro aberto da tua vida de propagandista do sublime ideal de redenção humana, um ativo de 25 anos de lutas, de sofrimentos e de angustias, que pelo teu sonho dourado, que é o nosso, que será o da humanidade — se ela verdadeiramente quizer descançar, apóz cruciantes dores, no almejado porto da felicidade — sofreste perseguições, carcere, ezilio. Nós que te sabemos incorruptivel, puro e terso como cristal adamantino, não podemos acreditar nas infamias e nas calunias com as quais procuram dezonrar-te. Pelo contrario: mais te caluniam e difamam, mais o teu nome nos aparece circundado da auréola de gloria, com a qual são cobertos os martyres e os herois.

Neste momento em que as noticias vindas da longinqua terra de Gorki são ainda contraditorias, e não deixam prever qual será o resultado da luta final, seja qual for o destino da tremenda peleja, vencedor ou vencido que saías, ó Lénine, o teu nome brilhará de viva luz, e o ideal pelo qual te bates não perecerá, porque é ideal de vida, e a vida se perpetua incessantemente, através do espaço e do tempo.

Anjelo Vizzotto.

Poços de Caldas, 15-11-1917.

A REVOLUÇÃO RUSSA

OS MASSIMALISTAS

Prosegue a Revolução Russa na sua formidavel tarefa de reconstrução social e economica. Ao seu impulso vigoroso ruem com fragor estupendo os seculares privilegios de casta, abala-se o velho e tenebrozo edificio da tirania. Parece que a hora de reparação historica, tantas vezes anunciada quantas adiada, é chegada afinal, e uma nova Russia snstitui a Russia antiga do absolutismo e da opressão.

Como sempre, os grandes rotativos não se têm cansado de baralhar lamentavelmente a significação real dos acontecimentos eccecionalmente importantes que no atual momento se desenrolam na longinqua Russia, um pouco por ignorancia e outro tanto pela necessidade de desfigurar aos olhos do povo injenuo a grandeza da lição que se lhe depara naquele imenso cenario revolucionario. As figuras de maior relevo e os grupos revolucionarios da vanguarda, são tismados com os baldões de traidores e vendidos ao ouro jermanico.

Julgamos, pois, oportuna a transcrição no COSMOPOLITA de dois trabalhos: um artigo sobre os massimalistas, publicado no "Grido del Popolo", de Turim, e um outro sobre Lénine, do socialista franco-russo Rappoport de orijem russa, mas militando ha longos anos no partido socialista francez. E' uma apreciação feita por quem, não sendo partidario de Lénine, faz justiça ao carater e ação do celebre revolucionario massimalista, como lhe fizera, aliás, o proprio Kerenski.

Ambos esses trabalhos foram publicados na "Aurora", do Porto.

Os massimalistas russos são a propria revolução russa.

Eles são o dia de hoje da Revolução; são os realizadores dum primeiro equilibrio social, a resultante de forças em que os moderados têm ainda muita importancia. Os massimalistas são a continuidade da revolução, são o seu ritmo: são por isso a propria revolução.

Incarnam a ideia limite do socialismo: querem «todo» o socialismo. E têm esta tarefa: impedir que se chegue a um compromisso definitivo entre o passado milenario e a ideia, ser o simbolo vivo da meta ultima para a qual se deve tender; impedir que o problema immediato do dia de hoje a rezolver se dilate a ponto de ocupar toda a consciencia, e se torne unica preocupação que levante obstaculos invenciveis e ulteriores possibilidades de realização.

E' este o perigo massimo de todas as revoluções: o formar-se da convicção de que é definitivo um determinado momento da nova vida e é preceizo parar para olhar para traz, para firmar o que está feito, para gozar o triunfo proprio. Para repouzar. Uma crise revolucionaria gasta rapidamente os homens. Cansa rapidamente. E compreende-se semelhante estado de alma. A Russia teve, porém esta fortuna: ignorou jacobinismo. Foi por isso possivel a propagação fulminea de todas as ideias, formaram-se com esta propaganda numerosos grupos politicos cada qual mais audaz, contrario ás parajens, conv-necido de que o momento definitivo que é preciso atingir é mais além, está lonje ainda. Os massimalistas, os extremistas são o ultimo anel lojico deste evolver revolucionario.

Por isso prosegue-se na luta, caminha-se para diante; todos caminham para frente, porque ha pelos menos um grupo que quer ir sempre para diante, e trabalha na massa e suscita sempre novas energias proletarias, e organiza novas forças sociais que ameaçam os fatigados, que os fiscalizam e se mostram capazes de os substituir, de os eliminar, se não se renovam, se não se révigoram para avançar. Assim a revolução não para, não se ha o seu ciclo. Devora os seus homens, substitui um grupo por outro mais audaz e por esta instabilidade, por esta nunca atinjida perfeição é que é unica e verdadeiramente revolução.

Os massimalistas são na Russia os inimigos dos poltrões, o acicate para os preguiçosos: derribaram até hoje todas as tentativas de r prezamento da torrente revolucionaria, impediram a formação dos pantanos estagnados, das aguas mortas. Por isso são odiados pelas burguezias occidentais, por isso é que os jornais italianos, francezes e inglezes os difamam, procurando desacreditá-los e sufoca-lo sob um montão enorme de calunias. As burguezias occidentais esperavam que ao esforço enorme de pensamento e ação que custou o brotar da nova vida havia de

suceder uma crise de preguiça mental, um recuo da atividade dinamica dos revolucionarios que fosse o começo dum arranjo definitivo do novo estado de coisas.

Mas na Russia não ha jacobinos. O grupo dos socialistas moderados que recebeu o poder não destruiu, não procurou sufocar em sangue os homens da vanguarda. Lénine na revolução socialialista não teve o destino de Babeuf. Poude converter o seu pensamento em força operantada historia. Suscitou energias que não mais morrerão. Ele e os seus camaradas bolxeviki estão persuadidos de que é possivel a todo o instante realizar o socialismo. Alimentam a ideia marxista. São revolucionarios e não evolutionistas. E o pensamento revolucionario nega o tempo como fator de progresso. Nega que todas as experiencias intermédias entre a concepção e a realização do socialismo tenham forçosamente que sofrer no tempo e no espaço uma prova absoluta e integral. Tais experiencias bastam que sejam mentalmente superadas para que se possa passar adiante. O que é preciso é dezentorpecer e conquistar consciencias: foi o que fizeram Lénine e seus camaradas. A sua convicção não se ficou só em audacias de pensamento: incarnou-se em individuos, em muitos individuos, fez-se fecunda de obras. Criou aquele determinado grupo que era necessario para se opor aos compromissos definitivos, a tudo o que pudesse tornar-se definitivo.

E a revolução continúa. A vida tornou-se toda verdadeiramente revolucionaria: é uma atividade sempre atual, é uma continua mudança, uma escavação continua no bloco amorfo do povo. São suscitadas novas energias, propagadas novas ideias-forças. Os homens são finalmente assim os artifices do seu destino, todos os homens. E' impossivel que se formem minorias despoticas. Ha uma fiscalização sempre viva e desperta. Ha desde já um fermento que decompõe e recompõe os agregados sociais sem repouzo e impede as cristalizações, impede que a vida se acomode, no momentaneo triunfo.

Lénine e seus camaradas mais em vista podem ser arrastados no dezancalear dos ciclones que eles proprios provocaram. Não perecem todos os seus sequazes. São já numerosos de mais. E o incendio revolucionario propaga-se, queima corações e cerebros novos, faz deles fachos ardentes de luz nova, de novas chammas, devoradoras de preguiças e cansaços. A revolução prosegue, até á sua completa realização. Vem ainda lonje o tempo em que será possivel um repouzo relativo. E a vida é sempre revolução.

A. G.

(DO GRIDO DEL POPOLO de Turim.)

A autoridade eterna o que deveria desaparecer e abandona e deixa fenecer o que deveria apoiar.

E' a ela que se deve o estado estacionario da humanidade.

Gathe.



ASTRONOMIA

O SOL

De todos os objetos que o imenso espetáculo da Natureza apresenta aos nossos olhos, nenhum, sem contradição, tem ferido tanto a atenção dos homens como o Sol, o astro teledante sem o qual o nosso planeta e a sua vida não teriam saído do nada.

O Sol, ponto quasi imperceptível que cintila timidamente no fundo do espaço, no seio dessa nuvem cósmica, palida e esbranquiçada, a que chamamos Via Láctea e que nos aparece como um belo disco branco, ao meio dia, vermelho sanguineo, a tarde, quando declina, é um globo imenso cujas formas colossais ultrapassam, em proporções inimagináveis, o nosso átomo terrestre.

Efetivamente, o Sol é, em diâmetro, cento e oito vezes e meio maior, do que a Terra, quer dizer: se representarmos o nosso planeta por um globo de um metro e meio de diâmetro, precisamos de representar o Sol por uma esfera cujo diâmetro seja de cento e oito metros e meio, para conservarmos as proporções entre os dois.

O nosso mundo, colocado, sobre o Sol com todas as suas magnificências, riquezas, montanhas, mares, monumentos e habitantes, não seria mais que um ponto quasi imperceptível. Colocando a Terra no centro do Sol e deixando a Lua jirar á sua distancia habitual de 384.400 quilômetros, esta não chegaria senão a metade da distancia da superficie solar.

Em volume, o Sol é 1.290.000 vezes menor do que o nosso planeta, e 324.000 vezes mais pesado, em massa. Se esse gigante se nos apresenta sob o aspecto de um pequeno disco, é por causa do seu afastamento. É inegável que as suas dimensões aparentes nos não revelam a sua potente majestade.

Se o observarmos com instrumentos ou se o fotografarmos, verificamos que a sua superficie não é unida, como se poderia julgar, mas sim granulada, e apresentando imensos pontos luminosos disseminados sobre um fundo mais escuro.

Essas granulações assemelham-se um pouco aos poros da casca de uma laranja. Por vezes, esses poros alargam-se sob a influencia de perturbações que sobreveem na superficie solar, e dão origem a uma mancha. Durante muitos seculos, os homens, sábios ou profanos, recusaram-se a admitir a existencia dessas manchas que consideravam como uma mácula para o rei dos céus. Sendo o astro do dia inerruável, só insensatos podiam pôr em duvida o seu esplendor immaculado. Assim, quando Scheiner, que foi um dos primeiros a estudar as manchas solares, assinalou, em 1610, o resultado das suas observações, ninguém quiz acreditar-lhe.

Contudo, depois das observações de Galileu e de outros astrónomos, tiveram que render-se á evidencia, e, coisa mais curiosa ainda, de reconhecer que não justanente essas manchas que nos permitiram penetrar no estudo da constituição física do Sol.

As manchas são, jeralmente, de forma arredondada ou oval e observam-se-lhes duas partes distintas: a parte central, que é negra e se chama o núcleo ou a sombra; e, em redor, uma região mais clara, que se denomina penumbra. Estas partes estão nitidamente limitadas nos seus contornos: a penumbra é cinzenta, o núcleo parece negro relativamente ao brilho deslumbrante da superficie solar, mas, de fato, irradia uma luz duas mil vezes superior em intensidade á da Lua Cheia.

Essas manchas, que não apresentam aos observadores da Terra senão pequenas dimensões, são na realidade absolutamente gigantescas. Já se têm medido algumas cujo diâmetro iguala dez vezes a largura da Terra, ou seja, cento e vinte mil kilometros.

Alguma dessas manchas têm tais dimensões que são visíveis a olho nu—prudentemente defendido por um vidro fumado.

Não se formam instantaneamente, anunciam-se primeiro por uma grande agitação da superficie solar, por uma especie de vagas luminosas. Nessa agitação, vê-se aparecer uma pequena mancha, jeralmente circular, que se alarga progressivamente para atingir um massimo, e diminuir em seguida, segmentando-se frequentemente. Uma, só, são visíveis durante alguns dias, outras, duram mezes inteiros. Em jeral, as manchas não são muito profundas. São aberturas cuja profundidade não iguala o diâmetro da Terra, o qual como vimos, é oito vezes mais pequeno que o do Sol.

As manchas solares não estão imoveis, e o seu movimento mostra-nos que o astro radizo jira sobre si mesmo em cerca de vinte e cinco dias.

Esta rotação foi determinada, em 1611, por Galileu, que, precisamente observando as manchas, notou que ellas atravessavam o disco solar de Leste para Oeste, seguindo linhas obliquas em relação ao plano da elliptica, e que desapareciam no bordo occidental, quatorze dias depois da sua chegada ao bordo oriental. Algumas vezes, uma mesma mancha, depois de se haver conservado invisível durante quatorze dias, reaparece sobre o bordo oriental, onde já surgira vinte e oito dias antes. Avança em seguida para o meio do Sol, que atinge sete dias depois, desaparece do Sol,

vo no Ocidente, continúa a sua marcha, sobre o hemisfério oposto ao nosso, para voltar ao alcance da nossa observação ao fim de duas semanas, quando não se desfaz no intervalo. Esta observação prova que o sol jira sobre si mesmo. A reaparição das manchas é, em média, de vinte e sete dias, porque a Terra não está imovel e porque na sua traslação em volta do astro do dia, movimento que se efetua no mesmo sentido que a rotação solar, ella vê ainda as manchas dois dias e meio depois de haverem desaparecido do ponto onde ella se encontrava vinte e cinco dias antes. Na realidade, a rotação do Sol é de cerca de vinte e cinco dias e meio; mas, fato curioso, esse globo não jira em todo conjunto da sua massa simultaneamente, como a Terra; as velocidades de movimento da superficie solar vão diminuindo do equador para os pólos. Esta rotação é de 25 dias no equador, de 26 no vijesimo quarto grau de latitude Norte ou Sul, de 27 no trijesimo-setimo grau, de 28 no quadragesimo oitavo. As manchas formam-se jeralmente entre o equador e essa latitude. Nunca se observaram em redor dos pólos.

Nos bordos do Sol, notam-se ainda regiões muito luminosas, que em jeral rodeiam as manchas, e ás quais se dá o nome de fáculas. Estas zonas, que muitas vezes occupam grande extensão, parecem ser a sede de formidáveis perturbações que incessantemente revolucionam a face do astro soberano, e, por vezes, precedem a formação das manchas. O nosso Sol, na apparencia tão calmo e majestoso, é teatro de fantásticas conflagrações. As erupções vulcánicas, as mais espantosas tempestades, os mais terrificantes cataclismos que se produzem no nosso pequeno mundo, são simples zéfirios comparados com as tempestades solares que erguem nuvens de fogo capazes de engulir, de um só trago, globos das dimensões do nosso planeta.

Comparar os vulcões terrestres ás erupções solares, é comparar a luz humilde de uma candea ao clarão do incendio que devorasse uma grande cidade.

As manchas solares variam em periodos muito regulares, de onze a doze annos. Em certos annos, são vastas, numerosas e frequentes, por exemplo em 1833; em outros annos, são raras e pequenas, por exemplo em 1901.

Nota curiosa: o magnetismo terrestre e as auroras boreais seguem uma oscillação paralela á das manchas solares, e o mesmo parece succeder com as temperaturas.

Devemos olhar o Sol como um globo de gaz em combustão, ardoendo a uma alta temperatura, e despedindo prodijiosa quantidade de calor e de luz. A superficie deslumbrante desse globo chama-se fotosfera — esfera de luz. Está em perpetuo movimento, como as ondas de um oceano de fogo cujas chamas, rozeas e transparentes, medem quinze mil kilometros de altura. Essa camada de chamas rozeas que se denomina cromosfera — esfera colorida — é transparente; não pôde ver-se diretamente, mas apenas durante os eclipses totais do Sol, quando a Lua, occulta inteiramente o disco deslumbrante, ou com o auxilio do spectroscópio. O que nós vemos do Sol, é a sua superficie luminosa, a sua fotosfera.

Dessa superficie movimentada, saem constantemente erupções gigantescas, imensos feixes de chamas, turbilhões de fogo projectados com uma epantosa velocidade á alturas prodijiosas.

Durante longos annos, os astrónomos estiveram perplexos sobre a natureza dessas massas inflamadas chamadas protuberancias, que se projectam como fogos de artificio, e que não eram visíveis senão durante os eclipses totais do Sol; mas, graças á uma enjenhosa descoberta de Jansen e de Lockyer, essas erupções podem, agora, ser todos os dias observadas ao spectroscópio.

Estas protuberancias, que revestem todas as formas imagináveis, parecem-se, por vezes, com as nossas nuvens de tempestade; erguem-se acima da cromosfera com uma velocidade inconcebível, que chega a ultrapassar duzentos kilometros por segundo, e que as eleva á alturas fantásticas, que atinham trezentos mil kilometros!

Essas chamas enormes rodeiam completamente o Sol. Algumas vezes lançam-se no espaço como esplendidos penachos rozeos, graciosamente recurvados; outras, erguem para o céu as suas cristas luminosas que parecem folhas soltas de palmeiras gigantescas.

Têm-se visto erupções solares projectar-se, em alguns minutos, a mais de cem mil kilometros de altura e cair, em seguida, em chuva de fogo, sobre essa especie de oceano de ponche, cujas chamas nunca se extinguem.

A observação, junta á análise espectral, demonstra que as protuberancias são causadas por formidáveis explosões produzidas no proprio corpo do Sol, e projectam no espaço, com força consideravel, massas de hydrojenio incandescente.

Mas, não é tudo. Durante os eclipses, nota-se em redor do disco negro da Lua, collocado deante do Sol, cuja luz intercepta, uma aureola rozea e brilhante da qual se destacam longos penachos luminosos chamados algretes, e que se projectam muito longe da superficie solar. Esta aureola, cuja natureza é ainda desconhecida, chama-se coroa. É uma especie de atmosfera imensa, estremamente rarefeita. O nosso Sol é pois um brazeiro ardente, um globo de gaz agitado por tempestades fenomenais, cujas chamas se estendem á distancias extraordinárias.

Mas, qual é o verdadeiro calor desse foco incandescente!

Os melhores calculos conduzem a avaliar em sete mil graus centigrados a temperatura

A RAIVA DA MATILHA

Reproduzimos abaixo a circular que o Centro U. dos P. de Hoteis e Classes Anexas está distribuindo pelos seus parceiros, cujos interesses procura defender. Como, aliás, o proprio leitor terá e oportunidade de averiguar, é esse documento um primor de lojica, de raciocinio e de estilo, e levará certamente á immortalidade os seus autrres, e, ao mesmo tempo, é a mais eloquente demonstração dos intuitos reacionarios a que obecem esses senhores que andam para ai, a aumentar desmezuradamente o abdomen, á custa do nosso suor.

Fazemos esta segunda edição da arenga patronal como justa retribuição á sua jentileza reproduzalgumas passagens do nosso manifesto: «abaixo a tirania!», precisamente nos trechos de mais justos comentarios...

Exmo. Sr.

«A Directoria do Centro União dos Proprietarios de Hoteis e Classes Anexas vem pela presente chamar a vossa esclarecida atenção para o fato que em seguida espõe pedindo para a cooperação de V. Ex. em beneficio da classe e no proprio beneficio de V. Ex.

«São por demais conhecidos os meios uzados por uma Associação de classe com o fim de amesquinhar-nos e deprimir-nos, usando de termos por demais indignos. Procurando eles chamarem para si uma atmosfera de compaixão e simpatia, referimo-nos ao CENTRO COSMOPOLITA composto na sua quasi unanimidade de elementos perniciosos e turbulentos, pregando a anarquia em toda a parte e principalmente nas cazas onde exercem as funções de empregados, procurando por todos os meios e modos prejudicar aqueles que na melhor boa fé os admitem como auxiliares, admitindo no entanto verdadeiros inimigos em toda a estensão da palavra. A vista do esposto espera o Centro União dos Proprietarios de Hoteis e Classes Anexas que V. Ex. procurará dispensar os seus verdadeiros inimigos e substituí-los por individuos ordeiros e cumpridores de seus deveres.

«Pela leitura de um dos ultimos panfletos espalhados aos quatro ventos por esses inimigos poderá V. Ex. avaliar da justeza do nosso pedido e que de antemão agradece.

A DIRECTORIA.

(Segue-se a transcrição de trechos de um manifesto do Centro Cosmopolita.)

da superficie do Sol. A temperatura interior deve ser muito mais elevada. Um cadinho de ferro em fuzão lançado sobre o Sol, equivaleria a um duche gelado.

Podemos fazer uma ideia dessa potencia calorifica estabelecendo algumas comparações. Assim, o calor emitido pelo Sol deve ser igual ao que produziria a combustão de onze quatriões e seiscentos mil milhões de toneladas de carvão de pedra, ardoendo simultaneamente. Este calor faria ferver, por hora, dois trilhões e novecentos milhões de kilometros cubicos de agua que estivesse á temperatura do gelo.

Como se mantém esse calor? Uma das principais causas do calor do Sol é devida á sua condensação. Segundo todas as probabilidades, o globo solar representa o núcleo de uma vasta nebulosa que se estendia primitivamente para além da órbita de Netuno, e que, pela sua contração, acabou por formar esse foco central. Em virtude do principio da transformação do movimento em calor, essa condensação, que ainda não chegou ao seu termo, baixa para elevar esse globo colossal á sua temperatura e para a entreter durante milhões de annos. Acrecentemos que uma formidável quantidade de meteoros ali caem perpetuamente.

O Sol peza trezentas e vinte e quatro mil vezes mais que a Terra, quer dizer, mil oitocentos e setenta octilhões de quilogramas, isto: 1.870.000.000.000.000.000.000.

Camilo Flammarion

CONTOS E NARRATIVAS

Refleções de um tipo

Desde as duas horas da manhã que é notada uma animação estranha.

Pelas ruas, fortes campezes de sapatos ferrados, chapéu d'abas largas, blusa azul ou negra e grossos bastões á mão, marcham pezadamente; uma interminavel fila de carroças, vacas, porcos e toda especie d'animais é conduzida pelos camponois que de caminho conversam ruidosamente, num patuá que só elles entendem.

Esta longa fila de homens e de bestas vai em demanda ao «campo de feira».

Ela vem de todos os logares, por todos os caminhos. Os animais se vão alinhando, pouco a pouco, á espera dos compradores. Uma vez que estes têm escolhido e comprado, as bestas lá seguem, num passo pezado e de cabeça baixa; sente-se uma grande e morna tristeza nos seus olhos. Ao vê-las seguir os compradores, dir-se-ia que ellas comprehendem o horror de sua desdita.

As pobres bestas vão pro matadouro!

O comprador, ao contrario, sorridente, parece triunfante, feliz — talvez — de sua aqizição.

Ele não tem piedade! O vendedor tambem não tem nenhum pezar: a besta foi vendida a bom preço; ele acaba de fazer um soberbo negocio. Já dezolve grandes projetos. E' o pá assegurado por algum tempo ainda... Num passo alegre ele volta á aldeia onde de novo continuará a criar e a vender outros animais.

No mesmo dia, outra feira. Logo de manhãinha os preparativos são ultimados nas cazas. Depois um resoar de clarins, um rufar de tambor, um pano tricolor a flutuar ao vento, e um rebanho de jovens de 20 annos que dece para a cidade. Eles saem do todas as ruas, gritando, cantando e rindo. Diante da Prefeitura numerosos compradores ezaltam a ambição e a vaidade dos rapazes.

Um após outro, são todos chamados. Numa das salas, preparada condignamente para o efeito, os altos dignatarios do galão e do sabre apalpm e ezaminam os pobres moços. O resultado é esperado com impaciencia. Cá fôea, cada vez que um deles sai, ainda com as vestes mal arranjadas, pressurozo em dar o resultado aos carnamadas que esperam, gritos se elevam: Bom para o serviço! Recuzado! Reformado!

Depois o rebanho se fórma. Novo resoar de clarins e outra vez rufa o tambor abrindo a marcha. Um bando salta ou dança a ajitar uma bandeira tricolor; outros seguem-no atirando ao ar uma grande bengala que repeti-das vezes apañam para jogar de novo. Por ultimo um grupo de engalonados e condecorados, fecha o rancho a urrar dezesperadamente. E ei-los a percorrerem as ruas da cidade, felizes deste dia que bem cêdo maldirão.

Em cada taberna fazem alto, e, então, o vinho branco e o absinto são consumidos profuzamente. Os botequineiros regozijam-se. As cabeças se atordoam, as pernas se enfraquecem. Os pobres rapazes perdem toda a compostura, toda dignidade!

E' a feira da besta humana.

Estas duas feiras seguem a curto intervalo. Que coincidência!

Só ha differença entre ellas, na attitude de seus condemnados.

Uns — as bestas — vão tristes, como lastimando silenciosas a sorte que as aguarda. Na fizioomia intelligente dos irracionais (que irrizão!) lê-se a sandade dos tempos passados nos campos, nos prados e nos estabulos. São estes que os homens desdenhozos chamam de seres inferiores.

Os outros — os homens — vão ber-

OS ESPULSOS DE S. PAULO

Depois de trez mezes chegamos as primeiras noticias dos nossos companheiros espulsos de S. Paulo e mandados para Barbados a bordo do «Carvelo».

E' sabido, pelo noticiario dos jornais, que dos nove espulsos, trez ficaram presos no Recife, os quaes, procurados por amigos e companheiros interessados em obter a sua liberdade, sempre foram negados pela autoridade policial, privando-os por esse meio infame das possibilidades de defeza.

Os paizes civilizados, governados sob principios absolutistas, reacionarios ou democraticos, condemn a sequestro, mas todos o praticam quando querem encobrir os seus crimes.

Para fazer respeitar os principios de justiça homens tem havido em todos os campos sociais, que têm sabido pugnar pelo respeito que deve merecer a vida e a liberdade dos nossos semelhantes.

A iniquidade do sequestro dos nossos companheiros, sem que nenhuma lei autorize tal fato, constitui uma barbaridade e deixa-nos uma triste ideia dos defensores das liberdades desta democratica Republica.

Não ha infamia que se possa comparar ao procedimento da imprensa brasileira; foram os seus representantes que conseguiram á terminação do movimento grevista de S. Paulo, em julho passado; foi um ponto bem esclarecido na reunião mista de operarios, jornalistas e patrões, que o movimento terminaria mediante as condições estabelecidas, entre as quaes figurava a que dizia não seriam conservados nas prizoas aqueles que o estavam por motivos da greve, bem como seria respeitada a liberdade do Comité de Defeza Proletaria.

Terminado o movimento restava que cada uma das tres partes, belijerantes e arbitral, cumprisse o seu dever; tal não se deu, porém, os capitalistas paulistas romperam o accordo, despedindo do trabalho a todos os operarios que haviam tomado parte ativa na greve; as autoridades policiaes a serviço dos Matarazzo, Crespi, Gamba e outros varios, quando menos se esperava, covarde, criminoza e arbitrariamente, prenderam todos os que haviam tomado parte no aludido comité, praticando toda a sorte de violencias, desde a violação do domicilio a altas horas da noite aos castigos corporais. Mas tudo isto é justificavel, tratando-se de quem se trata; uma pergunta incoente surge em todas as bocas: e os jornalistas?

Ora! Os jornalistas sabem que os operarios não podem comprar a sua pena, é mais rendoso vende-la aos patrões e policiaes, isto justifica tudo, honra, dignidade, altruismo, compromissos, são coizas venais. Nove operarios deportados, nove familias na miseria, outros operarios ameaçados de espulsão, ajuda outros presos, que importa? Sim, que importa isto aos jornalistas? Importaria si os seus clamores fossem acompanhados das harmonias do tilantar do ouro, este está com os carrascos e com os carrascos estão logicamente os jornalistas.

Chamou-se de criminozos aos anarquistas, por conceber e propagar ideias de justiça e equidade, como chamaremos nós aos defensores desta ordem de coizas, que tanto avilta e amesquinha os seres humanos? Nós não reconhecemos o valor das leis, porque isto importa e é subordinado ao dinheiro, mola real do sistema capitalista, só assim podemos justificar o crime que a policia do Recife, a mando dos sua colega paulista, está praticando, ao conservar incommunicaveis sessenta e seis dias os trez passageiros do «Carvelo», violando assim todas as leis que os nossos legisladores até hoje têm fabricado, e mais as leis de justiça e civilização humana.

Não podemos deixar de censurar o procedimento covarde de varias organizações operando, titubenates, não tendoneste dia nenhuma ideia de sua sorte; vão para o matadouro. Que importa, porém a situação que lhes está reservada: elles se divertem.

O cerebro é couza nula, mercê dos vapores atordoantes do alcool e do tabaco.

E, sobre as faces de brutos, se lê uma inconciencia que dezôla.

Os primeiros provocam piedade; os outros cauzam-nos tristeza!

Renato Micheau.

A recompensa

Estavam em Julho. Havia annos que a Europa inteira se debatia nas garras duma tremenda guerra commercial e de conquista. Complicara-se dia a dia a situação e de tal fórma, que o ezército de Alfonso XIII acabara por invadir o microscópico Portugal pelas alturas de Castelo Rodrigo.

Um clamor atterrado e sinistro partia de toda a parte contra os invazores. Os patriotas inflamados badalavam aos quatro ventos incitando o povo e os soldados a unirem-se heroicamente para a defeza da nação; e a ideia aventada dum levantamento em massa em barricadas inacessíveis, ganhava terreno, com a rapidez de raio, no coração sensível de todos os portuguezes. E' que estes, na verdade, excitados até á medula por essa vozeria mercenaria, auxiliada pela grande imprensa, mensajera abominavel que já fazia circular a noticia tendenciosa de horrorosos massacres praticados pelos espanhoes na sua marcha sobre a capital, manifestavam-se ruidosamente, do norte ao sul do paiz, contra a plaga espanhola.

Estava, pois, no seu auge o mais decentreado nacionalismo. Imperava a mais feroz e nefasta reacão militarista!

Carlos era natural duma pequena aldeia dos arredores de Lisbon. Os ecos da invasão tambem lá se haviam repercutido e ele, rapaz forte e decidido, tinha corrido a alistar-se na legião dos combatentes. A sua partida a cena foi comovente. A sua mãe e a sua noiva, os seus parentes e amigos toda a aldeia emfim, chorava e abraçava-o com ardor; e, á partida do comboio, á medida que este se ia afastando no horizonte, os lenços agitavam-se como num derradeiro adeus.

Entretanto Carlos pensava nos próximos feitos d'armas. Havia de matar muitos espanhoes, muitos! para que tão grandes patifes não voltassem a intentar apoderar-se de tão lindo torrão como Portugal. Era preciso dar-lhes uma lição! Era necessário demonstrar-lhes que os portuguezes ainda amavam a sua terra e que, a quem ouzasse tocar na sua independencia, lhes havia de sair caro o atrevimento! Sim, os portuguezes — estava disso bem seguro! — já não negariam as suas qualidades de successores dignos da padreira d'Aljubarrota e dos qua-

renta fidalgos, herois veneráveis que tão bem haviam sabido honrar a patria querida. A sua alma nunca olvidaria a figura ezecrada de Miguel de Vasconcelos morto a tiros, em 1640, dentro dum armário, como um exemplo a apontar aos vendidos e traidores...

Completamente absorto nestes pensamentos, debruçado na janela da carruagem tal como havia deixado o apeadeiro da sua terra, eis que um agudo silvo da locomotiva lhe anuncia a chegada á capital. Carlos, apeando-se e sempre á pressa, vai immediatamente apresentar-se ao quartel general. E qual não é o seu contentamento quando, na manhã seguinte á da sua apresentação, parte incorporado no primeiro contingente que saia ao encontro do inimigo.

Um comboio pezado e lento condu-lo ao matadouro resfolegando a custo... Dir-se-ia que se lhe cortavam as cordas do coração por conduzir, a tão macabro fim, aquele montão enorme de carne humana...

Todavia chegara ao seu destino sem novidade...

Carlos tomou parte em numerosas batalhas. Vencedores a principio, os espanhoes foram finalmente rechagados e obrigados a bater em retirada.

Avidos, comtudo, de sangue e de revanche

e não satisfeitos com a vitória obtida pelas suas armas, os portuguezes invadem por sua vez tambem e penetram em territorio seu.

Então as atrocidades foram infindas! Povoados e campos que tinham a desdita de cair debaixo das suas patas, eram brutalmente devastados e incendiados numa fúria louca de destruição. Officiaes e soldados confraternizavam selvaticamente na consumação do crime e do deboche; e as cabeças dos vendidos eram levadas em triunfo nas pontas das baionetas!

Quanto luto e quanta dor, quanta tristeza e miseria!

Teve Carlos a infelicidade de ser gravemente ferido numa batalha perto de Toledo. E, impossibilitado de continuar na peleja e de trabalhar, fizeram-no regressar á capital a caminho da sua terra.

Quando a sua chegada constou, os periodicos de grande circulação teceram-lhe eloquias referencias, chamaram-lhe um heroico rapaz, um autentico decendente de Nun'Alvares, mas... dias depois calavam-se por completo.

Ah! quão distantes iam as promessas de pensão e outras balelas de que haviam falado ao desgraçado antes da sua partida para a guerra... Se até no ministerio onde se di-

rjira reclamando passagem gratuita para a sua aldeia, o haviam espulsado como a cão vadio...

Accosado pela fome, pois e sem dinheiro, rezolvera-se a fazer o trajeto a pé. A alguns kilometros, porém, das portas da cidade, se lhe deparou uma fornosissima quinta de cujas arvores pendiam frutos tentadores. Carlos não hesitou; trepou o pequeno muro que a separava da estrada e saltou para dentro. De resto não estava aquella quinta na sua patria? Não estava ele ali justamente por ter vertido o sangue em sua defeza? E, sem procurar occultar-se, ia colthendo e comendo agradecendo-lhe o estômago com sensações inconcebíveis dum prazer inaudito!

Entretantes um estampido seco e formidavel, ecoa no espaço e Carlos cai dezamparadamente, sobre o verde e atapetado solo, debaixo duma frondaza pereira junto da qual se encontrava. O dono da quinta que o havia visto escalar o muro, correrá á caça muni-se de a caçadeira e, apossando-se quanto ponde do desventurado sem por ele ser descoberto, alvejara-o quasi á queima roupa no coração.

O infeliz Carlos acabava de receber a recompensa dos seus sacrificios.

Joaquim Maujor.

A vida da classe

O rejimen do avança impera no Hotel dos Estrangeiros

Conforme prometeramos no numero psasado vamos proseguir nos comentarios ao rejimen aviltante que ora peza sobre os companheiros que trabalham como caixeiros no famozo Hotel dos Estrangeiros.

Dissemos, no numero passado que nesse verdadeiro e sordido antro de exploração, que se oculta sob as falsas apparencias de um grande e luxuozo hotel, os que necessitam alugar-lhe os braços, têm que possuir em logar de competencia profissional, a espinha dorsal bastante flexivel para suportar todo o pezo dos regulamentos absurdos e vexatorios; e o leitor vai verificar pelos seus proprios olhos. Senão, vejamos:

1. Todo caixeiro que não estiver presente ao serviço até ás 7 h. 15 m. perderá o direito ao café da manhã.

2. Todo e qualquer empregado que for pillado em "flagrante delicto", a comer um pedaço de pão, será multado de 3\$ a 5\$ segundo o criterio da jerencia.

3. O caixeiro que tenha a "ouzadia" de comer uma banana ou uma laranja será punido com o mesmo rigor do artigo anterior.

4. Toda a louça quebrada, pelos caixeiros ou ajudantes, é-lhe descontada ao ordenado por meio de um vale que lhe apresentam sem nenhum detalhe ou explicação que, ao menos possa servir de consolo á vitima.

Qualquer empregado que for apanhado lavar-se nabaica que (é apenas e escluizivamente destinada á lavagem das mãos), sofrerá uma multa de 5\$, ainda que seja uma simples molhadura no cabelo.

E basta. Cremos que, como demonstração do que afirmámos é por demais sufficiente.

Os patrões tidos como mais amigos de estorquir os seus empregados, com certeza terão muito que aprender neste manual de exploração.

Por aí poderão os companheiros ter uma ideia aproximada das condições de trabalho no Hotel dos Estrangeiros, inteirando-se das revoltante injustiças que diariamente são cometidas.

Para que os proprietarios os de confeitarias leiam

O banquete realizado a 23 de outubro no Club dos Diarios servido, pela Confeitaria Pasqual, foi por algum tempo o "panaché de grelo" dos *garçons*, a proposito de certas criticas que lhe foram feitas. Este artigo vem, pois, em referencia a essas criticas dirigidas impropriamente aos *garçons* que nele trabalharam.

Conven apontar aqui os causadores do fracasso "tecnico" dos *garçons* no banquete do dia 23, e para isto chamamos a atenção do proprietario da Confeitaria Pasqual, para assim evitar o descredito de seu estabelecimento e a desmoralização de uma classe que possui pessoal habilitado para todos os mistéres mas que pelo sindicato, formado sob a firma Marinho, Ramozinho, Barbozinha, Eduardo, (mais conhecido pela alcunha de "Abade"), que autorizado pelo chefe de serviços para arranjar pessoal necessario para completar a lista com maxima presteza dão cabal dezoempunho a missão de que são encarregados, porém não deixam de ter as suas canseiras de cabeça, pois que, se o cazo não é para menos) é preciso estudar o meio de falar com aqueles que no entanto facilmente se deixam escamotear em cinco mil réis dos 25\$000 que a confeitaria paga por serviço, e como na classe ha individuos que, conscientes dos seus deveres e preparados para se apresentarem em qualquer banquete, não consentem em serem explorados por essa comandita, eis a razão de se darem cazos desses.

O pessoal que trabalhou no banquete do dia 23 na sua maioria eram todos *garçons* que durante todo o dia estiveram trabalhando em caza do patrão; será possível um *garçon* depois de trabalhar todo o dia apresentar-se limpo, decente para servir um banquete? Cremos que não.

Venho sugerir ao senhor proprietario da Confeitaria Pasqual o destino que deve dar a essa comandita: ao Marinho está reservado um logar na Praia das Saudades, o Ramozinho para o muzeu nacional, o Barbozinha para derreter manteiga, o Eduardo (abade) para azeristão... só assim poderá sanear a porta do seu acreditado estabelecimento desse elemento que só procura dezacredita-lo.

Um patrão "vigarista"

Um patrão tipico, que representa a mais clara cristalização dos ideais aladroados da sua classe, é esse proprietario do restaurant da rua da Assembléa n. 109, um tal sr. Eduardo. Imaginem que esse senhor acaba de inventar um processo seguro e infalivel para arrancar o couro e o cabelo aos seus empregados.

Mas, espliquemos sem mais preambulos, a nova fórmula de "conto do vigario" de invenção do Eduardo que, provavelmente, já se terá dirijido ao Ministerio da Agricultura, Industria e Comercio a requerer uma patente de invenção: O sr. Eduardo possui uma maquina rejistadora. Essa maquina rejista os pratos que são servidos aos freguezes pelos caixeiros. Lá para as tantas do dia, o sr. Eduardo ou o seu digno pareeiro, o jerente, faz os seus calculos, e, vai d'al concluir que o caixeiro já terá arranjado uns trez ou quatro mil reis, e — zaz! —lança-lhe outro tanto á conta! E quando ao fim do dia o caixeiro vai a verificar a sua fêria dá pelo furto de que foi vitima: reunidas as gorjetas á fêria, o dinheiro não chega, porque o sr. Eduardo rejistou na respectiva letra do caixeiro pratos que o mesmo não vendeu!

E assim o sr. Eduardo conseguiu inventar um sistema especial e inteiramente inédito de apoderar-se do dinheiro do freguez e do caixeiro.

O jerente, por sua vez, segue a pégado do seu amo: quando o caixeiro está de folga, ele serve o freguez e rejista a despeza na fêria do caixeiro, quer dizer, ele embolsa o dinheiro e quem "jeme" é o pobre diabo que está auzente.

Bem dignos um do outro...

O QUE TODOS DEVEM FAZER

Para que o Centro Cosmopolita possa ser o espoente massimo dos nossos interesses coletivos torna-se cada vez mais necessario que todos os membros da coletividade lhes préstem todo o apoio moral e material, associando-se.

Só assim poderá o Centro dezoempunhar a sua elevada missão.

O Secretario.

GARÇÕES! RECOMENDAE O

Cognac MARTELL

A grande marca Franceza. E' melhor e mais popular



O que é o vermutin

E' um aperitivo-estomacal moderno, elegante, original, que se toma puro, gelado com agua, syphon ou misturada com outro.

E' uma bebida deliciosa, com poderes tonico digestivo-nervinos e virtudes, RADIO-ACTIVAS, que influem no rganismo, rejuvenescendo a todos que fizerem uso.

Notae o paladar delicioso que fica na bocca depois que se bebe O VERMUTIN! tome gelado que é delicioso!

O appetite renasce, a juventude se conserva se prolonga, a velhice adquire novos reforços para resistir aos seus efeitos!

Tomae sempre, repeti as doses de 3 a 4 calices por dia e ao fim de 15 dias sentireis os beneficios do RADIO APERITIVO INDIANO — VERMUTIN — doDr. Eduardo Franca. encontra-se em todos os hotéis, restaurants, cafés, confeitarias bars, botequins e armazens. unicos depositarios: Mou- & C., Rua do Rozario, 133 — Concessionarios: Coutinho Neves & C., Rua Buenos Aires, 96 (sobrado.)

rias que com o seu silencio apoiam crimes desta natureza. Os delitos dos perseguidos de S. Paulo são os de todos os operarios que defendem com ativez os seus direitos de homens de produtores, mesmo soffrendo as arremetidas de todos os potentados.

E' nestes momentos especiais de luta que se conhecem os verdadeiros lutadores. Não bastam afirmações teoricas. Não! Nestas occasiões, em que cada um dá o que tem, os que se mantêm calados perante este fato são indigunos de todo o seu passado, que só serviu para iludir a boa fé dos companheiros leais, como são os que permanecem enterrados nas masmorras do Recife.

Rio, 26—11—1917.

Waldemar Grace.

POST SCRIPTUM—A' ultima ora recebam um telegrama dos camaradas do Recife, participando-nos que os trez companheiros detidos naquela capital, foram embarcados no dia 12 a bordo do vapor *Avari*, com destino a Barbados.

A preocupação do governo em mandar para Barbados os nossos companheiros não nos é facil explica-la. E' bem possivel que outros acontecimentos de maior gravidade tenhamos que constatar.

Que esta teimozia não oculte a premeditação de novos crimes é o que devemos dezejar. Mas se amanhã o telegrama nos comunicar o epilogo desta comedia que o governo de S. Paulo ideou, e cujo dezoempunho confiou ao ministro da justiça, não nos surpreenderá: sabemos de quanto são capazes.

Com estes episodios organizaremos a historia liberal Republica e, no momento, oportuno, sabermos vigiar os asorimentos destes altruisticos batalhadores da cauza da humanidade. W. G.

Comité de Defeza dos Direitos do Homem

Balancete do festival organizado em beneficio dos operarios espulsos de S. Paulo

629 cartões a 1\$000	629\$000
Quermesse	153\$100
Total	782\$100
GASTOS DA FESTA	
Aluguel do salão	120\$000
Adreicista	15\$000
Impressão de 1000 ingressos	14\$000
Guarda-roupa	10\$000
Damas (2)	45\$000
Pianista	20\$000
Despezas com as artistas	8\$800
a quermesse	6\$800
automoveis	17\$500
Soma	256\$000
Saldo liquido	516\$800
Distribuição do dinheiro:	
Ao advogado, para habeas-corpus	500\$000
Ajuda de custas para um companheiro ir a S. Paulo arranjar doc.	53\$000
Duas certidões de idade	5\$000
Aussilio a um dos espulsos	5\$000
Gastos	543\$000
Produto	516\$800

Devo o Comité á Comissáo 26\$200

OBSERVAÇÕES

A' Comissáo foram entregues cartões	999
Vendeu ou recebeu dinheiro de	620
Foram devolvidos	302
Convites para a imprensa	10
Camaradas que não prestaram contas:	
Pasqual Ciciliano	15
Pasqual Gravina	10
Alves Diniz	11
Juvenal Leal	7
Ferdinando d'Aló	5
Francisco Dias Filho	4
Salvador Alacid	10
Modesto Ruas	5
Total de cartões	999

Rio, 1 de janeiro de 1917.
A COMISSÃO.

Subscrição em beneficio das familias dos espulsos de São Paulo

Do Comité pró-vitimas politicas, constituido em S. Paulo com o fim de angariar donativos em favor das familias dos operarios espulsos pelo governo de S. Paulo, recebemos uma lista de subscrição, que abrimos, a seguir, pondo-a á dispozicao de todos quantos deejem concorrer com a sua ajuda.

Manuel Real Pose	1\$000
Joaquim da Silva Ramos	1\$000
David Martins	1\$000
André Joaquim Ribeiro	1\$000
Americo P. Castilho	1\$000
Manuel Castro	1\$000
Joaquim Pereira Rezende	2\$000
Soma	5\$000

A. A. B.

CASA TIMTIM POR TIM-TIM

SEMPRE NA PONTA
Especialidade em petisqueiras a portugueza
E COM ELLAS E SEM ELLAS
Aberto até 1 Hora da doite
DURAN & BARBOSA
Rua do Lavradio n. 41
Telefone 3229 RIO DE JANEIRO

Fabrica de Cerveja Oriente
de José Vasquez Ferro
Rua Visconde do Rio Branco 30



Bar Fidalga QUINTA DA BOA VISTA

O parque mais frequentado desta capital
Licores, vinhos finos e de todas as qualidades, cervejas, refrescos, sandwicks e comidas frias.
Serviço feito com todo o asseio e promptidão

M. J. PIRES
Tel. 4296 - Vila

GRANDE TINTURARIA LONDRES

Rau 7 de Setembro, 147
Entre Uruguyana e Travessa do São Francisco de Paula
Casa das duas Portas Largas. Ao ado das afamadas camas arame Serpa. — Fazem-se concertos em roupas de homem TELEPHONE N. 3093

Tinturaria e Alfaiataria RUY BARBOSA

Especialidade em roupas sob medida
Concerta-se roupas de homens
MORAES & MOREIRA
Tinje-se luto em 24 horas, todas as cores e lava-se toda e qualquerr qualidade de fazendas de seda, lá, algodão, etc. — Tira-se mofo de qualquer fazenda e passamento a ferro; tração: banho com perfeição.
Rua Senhor dos Passos, 96
Tel. 4803-Norte—RIO DE JANEIRO

COMPREM

Jaquetas de alpaca..... 25\$000
Jaquetas brancas..... 10\$000
Alfaiataria Barra do Rio :: 200, Rua 7 de Setembro, 200

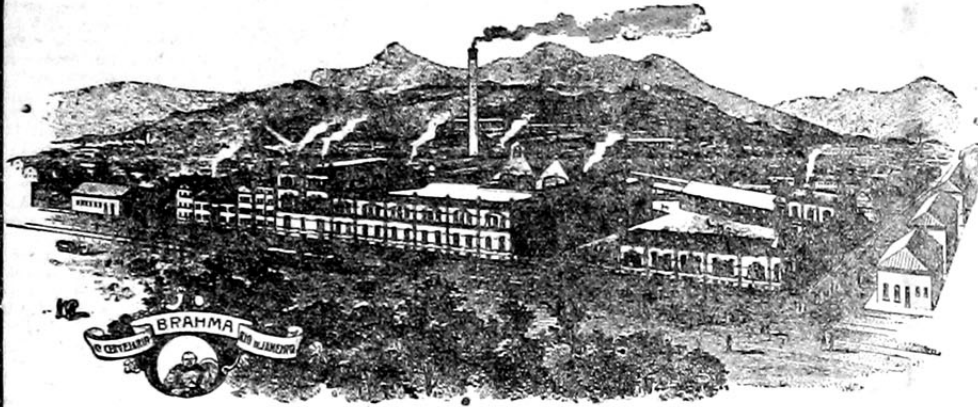
Companhia Hanseatica

Bebam as cervejas

Polar, Cascatinha, Iracema e Sumaré

Fabricadas com agua da Tijuca, captada na propria nascente

Cervejaria Brahma



Recomenda as suas
afamadas marcas :



Fidalga Malzbier Brahma Porter

que são as preferidas pelas pessoas de bom gosto

BEBAM

CAXAMBÚ

A soberana das
aguas de meza

RIO DÃO O vinho de meza
preferido

IMPORTADORES

J. Ferreira & C.

Cerveja Park Bier. Estomacal
e nutritiva

PRAÇA TIRADENTES, 27

ALFAIATARIA SANTOS DUMONS

Especialidade em jaquetas de alpaca e brancas para "garçons" de restaurants, cafés, bars, brasseries, etc., etc. — Preços modicos

192, Rua 7 de Setembro, 192

"Caza Rist"

Depozito exclusivo de produtos
nacionais

VINHOS E CONSERVAS

Rua 7 de Setembro n. 77

Telefone 455 - Central

BEBAM

SALUTARIS

A Rainha das

Aguas de Meza

CENTRO COSMOPOLITA

Séde: RUADO SENADO 215--217
(TELEFONE 1499 CENTRAL)

Esta sociedade, fundada em 31 de Julho de 1903, incumbem-se de fornecer ás exmas. familias, confeitarias, hotéis, restaurants clubs, bars e demais cazas deste ramo, pessoal competente para banquetes, cazamentos, pic-nics, etc. etc., não só na capital como no interior, responsabilizando-se pelo mesmo

Aluga o seu vasto salão para festivais, conferencias e outros atos de reconhecida moralidade

Atende e chamados todos os dias uteis das 7 ás 22 horas e aos domingos até ao meio dia

